

"QUERO SER LIVRE,"

PEÇA DE TEATRO EM 2 ACTOS, ORIGINAL DE:

C O S T A F E R R E I R A

///

1 9 6 0

5
134
104

PERSONAGENS

A MURTA - 42 anos elegantíssima, a voz e o olhar têm a frescura do vinho. Não pelo uso de docas de vista cansada ao conto de anos que tem de estudo quase viscoso, de leitura permanente.

A MURTA - 39 anos duma subtilíssima mulher em flor. É inteligente, mas como todas as mulheres sensíveis: nota-se mais o coração do que a inteligência. Veste sempre com o maior elegância, mas uma simplicidade que demonstra **"QUERO SER LIVRE"** com qualquer circunstância. Prefere sempre a simplicidade a usar joias falsas ou pelas baratas.

Peça de Teatro em 2 actos, original de:

COSTA FERREIRA

A MURTA - 49 anos espantosa superlatada, riquíssima, espartada.

A MURTA - 22 anos voluntariosas, sensíveis, irreverentes. Filho único de pais muito afectivos.

UMA CRIANÇA

UMA CRIANÇA

///

1 9 6 0

PERSONAGENS

O HOMEM - 42 anos elegantísimos. A voz e o olhar têm a frescura desvinte. Só pelo uso de óculos de vista cansada se sente os anos que tem de estudo quase vicioso, de leitura permanente.

A MULHER - 39 anos duma autêntica mulher em flor. É inteligente, mas como todas as mulheres sensíveis nota-se mais o coração do que a inteligência. Veste sempre com a maior elegância, mas numa simplicidade que demonstra o corte duma modista de categoria sem qualquer arrebique de janotismo pequeno-burguês. Prefere sempre a simplicidade a usar joias falsas ou peles baratas.

O AMIGO - 43 anos, gordo, pesado, marcado pela vida que lhe tirou toda a sedução, se é que alguma vez a teve.

A ESPOSA DO AMIGO - 45 anos opulentos espartilhados, riquíssimos, aparatosos.

O FILHO - 22 anos voluntariosos, sensíveis, irreverentes. Filho único de pais muito afectivos.

UMA CRIADA

UM CRIADO

Sala de trabalho com credito numa pequena vivanda nada opulenta, mas cheia de bom gosto. A parede de fundo é totalmente ocupada por um estante, que é para um pequeno jardim que com suas flores e plantas dá um toque de vida ao ambiente. O estante é dividido em prateleiras e nichos, e está cheio de livros, plantas e objetos decorativos. A parede de lado é também ocupada por um estante, e a parede de frente por um estante. O chão é de madeira, e o teto é de gesso. A iluminação é feita por uma lâmpada pendente do teto. A atmosfera é calma e silenciosa.

PRIMEIRO ACTO

As cortinas estão fechadas e a luz é suave. Uma mulher está sentada no sofá, lendo um livro. Ela está vestida de forma simples e elegante. O ambiente é tranquilo e a mulher parece estar em paz. Ela olha para o livro e depois para o relógio. Ela parece estar esperando alguém. Ela levanta-se e caminha para a porta. Ela abre a porta e olha para fora. Ela parece estar surpresa. Ela fecha a porta e volta para o sofá. Ela continua a ler o livro.

O ENCONTRO

É isto mesmo. (Senta-se e olha para o livro.) Papai...

(A mulher olha para o livro e depois para o relógio. Ela parece estar esperando alguém. Ela levanta-se e caminha para a porta. Ela abre a porta e olha para fora. Ela parece estar surpresa. Ela fecha a porta e volta para o sofá. Ela continua a ler o livro.)

A CENA

(A mulher olha para o livro e depois para o relógio. Ela parece estar esperando alguém. Ela levanta-se e caminha para a porta. Ela abre a porta e olha para fora. Ela parece estar surpresa. Ela fecha a porta e volta para o sofá. Ela continua a ler o livro.)

Sala de trabalho dum erudito numa pequena vivenda nada opulenta, mas cheia de bom gosto. A parede de fundo é totalmente ocupada por um envidraçado, que dá para um pequeno jardim que comunica com a cena por uma pequena porta também envidraçada colocada ao fundo esquerdo. Colocada perfeitamente diante da janela do fundo e portanto um pouco puxada para a direita, enorme mesa de trabalho com alto candeeiro, pejada de livros alguns abertos e com marcas, "dossiers" e cadernos de apontamentos. A meio da mesa e de costas para a janela confortável cadeira de trabalho. A parede da direita é totalmente forrada de livros. A estante é apenas interrompida à direita baixa por uma pequena lareira que flameja quando o pano sobe e junto da qual há mesa e poltronas. À esquerda, centro, porta defendida com pesado reposteiro. Ladeando a porta "pick-up" com discoteca e bar. Junto da estante da direita alto escadote que dá acesso às prateleiras de cima. Lustre central apagado.

--//--

Ao subir o pano ouve-se o vento de uma tarde de inverno fustigar o jardim que se vê amplamente e desolado. São seis horas da tarde. O candeeiro da mesa de trabalho e uma lâmpada móvel fixada na mais alta prateleira da estante da direita junto do escadote estão acesos. Encavalitado no alto do escadote com amplo camisolão de malha, o Homem lê de óculos postos um livro volumoso que tem aberto sobre os joelhos e que é um volume igual a dois que a Criada de pé junto do escadote segura desajeitadamente. Silêncio de instantes cortado por um profundo suspiro da Criada. Novo silêncio.

O HOMEM

É isto mesmo. (Sempre a ler estende o braço direito para a criada) Papel...

(A criada mete os livros debaixo do braço, vai à mesa e traz uma folha de papel que dá ao Homem. Ele mete a folha no livro, fecha-o e já à procura de outro na estante estende aquele à criada que com bastante dificuldade acaba por a agarrar).

A CRIADA

(Depois de uma pausa) Oh! Senhor Doutor, eu não poderia pôr estes

livros ali em cima da mesa? (O Homem que já está a ler não lhe responde. Suspiro da criada).

O HOMEM

(Lendo sempre) Isto não pode ser. Papel e lápis. (A criada vai à mesa, quando vai a agarrar no bloco e no lápis os livros espalham-se-lhe no chão) Então o que é isso?

A CRIADA

(Inocentemente como quem dá uma novidade) Caíram!

O HOMEM

Para que estás tu aí espedada com os livros todos na mão?... (Pausa) Dá cá o papel e o lápis. (A criada executa e depois vai apalhar os livros que põe em cima da mesa. Toque de campainha).

A CRIADA

Posso ir abrir a porta? (Pausa. Suspiro da criada. Segundo toque) Posso ir abrir a porta? (Pausa. Suspiro. Toque) Oh! Senhor Doutor, estão a bater à porta...

O HOMEM

(Sempre a ler) Que tenho eu com isso? Deixa-me!...

A CRIADA

Ah! Bem... (Sai pela esquerda para voltar instantes depois com um cartão numa bandeja que, em bicos dos pés, estende ao Homem) Está lá fora este senhor....

O HOMEM

(Depois duma pausa, diz lentamente, sem deixar de ler) Eu não estou para ninguém...

A CRIADA

(Sempre na mesma posição) Ele diz que é importante e no interesse do Senhor Doutor. (Pausa. Mudando de tom) Oh! Senhor Doutor, quer que mande o homem embora?

O HOMEM

Já te disse que me deixasses!

A CRIADA

(Vai para sair mas suspende) Ah! Está bem!... Mas olhe Senhor Dou-

tor é um Senhor rico que tem lá fora um automóvel muito comprido com "chauffeur" e tudo

O HOMEM

(Aberrecido) Dá cá o cartão (A criada executa) O quê?! (O espanto quase que o faz cair do escadote).

A CRIADA

Ai! Senhor Doutor!

(O Homem desce do escadote. Tira os óculos. Tudo isto cheio de hesitações, de movimentos descontrolados perante a observação silenciosa e atônita da criada).

O HOMEM

(Depois de instintivamente se ter vindo colocar diante da cadeira de trabalho e, portanto, atrás da mesa diz numa voz branca. Mando entrar.

A CRIADA

Sim, Senhor Doutor (Sai pela esquerda. Instantes depois que para o Homem devem parecer eternidades, o reposteiro da esquerda afasta-se e dá entrada à figura imponente de Amigo. Pausa longa em que os dois homens se fitam).

O AMIGO

(Com um meio sorriso) Ainda posso tratar-te por tu?

O HOMEM

(Numa visível insegurança) Decerto...senta-te...

O AMIGO

Obrigado (Aproxima-se dele e estende-lhe a mão).

O HOMEM

(Apertando-lhe timidamente a mão) Como tens passado?

O AMIGO

(Mantendo-lhe a mão segura num sorriso) Durante estes vinte anos? Essa pergunta, meu caro, é quase o pedido duma biografia, (Largando-lhe a mão) e não é certamente essa a tua intenção

O HOMEM

Realmente as frases mais banais num caso como o nosso, tornam-se

ridículas, quase solenes.

O AMIGO

(Sentando-se junto da lareira a que se aquece com um sorriso aberto)
E tu sempre foste muito sensível à forma (Depois de uma pausa sem o encarar): É por causa da forma que não deixas sair a pergunta que te está a perseguir desde que eu aqui entrei: "Que vens cá fazer"?

O HOMEM

(Recuperando o há vontade, num tom seco) Disseste à criada que vi-
nhas tratar dum assunto do meu interesse,

O AMIGO

(Pegando-lhe no tom) Decerto, nem doutra maneira me atreveria a vir
a tua casa (voltando a sorrir) Mas essa informação que dei à cria-
da podia ser também uma habilidade minha, hoje poucas pessoas estão
dispostas a abrir a sua porta ao interesse alheio.

O HOMEM

São opiniões e nós não vamos certamente agora, discutir opiniões.

O AMIGO

Certamente. A opinião é mesmo hoje uma coisa muito desacreditada. O
que interessa são os factos e os factos estão definidos e cataloga-
dos nos livros. Quem tiver uma biblioteca bem arrumada não precisa
de opiniões porque dispõe de certezas (Pausa) Mas eu deve respeitar
o teu tempo e ser breve. Vim interromper o teu trabalho.

O HOMEM

Não tem importância.

O AMIGO

Tem sempre importância o nosso trabalho. Continuas a dedicar-te à
investigação histórica?

O HOMEM

Continuo. Reten a coligir elementos para um trabalho... como direi?..
Talvez um pouco bizantino... "A Tortura através dos tempos". Quando
tu entraste estava eu na China.

O AMIGO

(Sem expressão) Ah!

O HOMEM

(Tomando a pouco e pouco o valor) É um trabalho que acaba por apaixonar. É um campo de investigação riquíssimo, onde a imaginação humana parece não ter limites. A medida que se vai estudando sente-se abrir a nossa psique um abismo profundo...

O AMIGO

...É negro como todas as coisas profundas. (Voltando a sorrir) Mas estudar torturas diante das chamas ardentes desta lareira é um requinte de conforto. Aliás tu sempre foste um requintado. Pretendes fazer com essas investigações todas um manual para uso prático da política?

O HOMEM

Procuro apenas, como sempre, encontrar a verdade.

O AMIGO

Tens razão, já me esquecia que ainda quando éramos estudantes da Faculdade de Letras, tu já tinhas decidido procurar a verdade e estás vivo ainda e cheio de juventude, apesar de teres a minha idade. Essa vida e essa juventude são sinais seguros de que ainda não encontraste nada. (Enfaticamente duro) Quando se encontra a verdade o olhar perde o brilho que eu ainda vejo nos teus olhos, perdemos a capacidade de surpresa que tu tens manifestado tão abundantemente desde que eu aqui entrei. Eu já não me surpreendo com coisa nenhuma.

O HOMEM

Queres dizer que já encontraste uma verdade?

O AMIGO

É isso mesmo. Continuas a compreender depressa as coisas. Encontrei uma verdade, uma verdade desagradável e vê lá, as circunstâncias obrigam-me a querer dar-te um pouco dela.

O HOMEM

É uma ameaça?